

O Boletim de Desempenho Econômico do Turismo é uma publicação trimestral que leva ao público o resultado de uma análise de caráter qualitativo da conjuntura econômica do turismo no Brasil. Esta análise considera as principais variáveis econômicas do ambiente em associação com os resultados de um levantamento amostral da opinião de diversos segmentos do turismo. Variáveis de categorização apuradas na pesquisa permitem a ponderação de cada resposta individual e a estimação do segmento respondente.

Esta pesquisa, de âmbito nacional, interpreta as respostas dadas pelos empresários do setor sobre o momento atual dos negócios, o trimestre imediatamente anterior, o trimestre imediatamente posterior, comparações entre iguais períodos em anos consecutivos e, também, um horizonte que pode abarcar até os próximos 12 meses.

As observações e as previsões são apuradas utilizando o SALDO DE RESPOSTAS, ou seja, a diferença entre o total ponderado de assinalações de aumento e de queda. Esse saldo indica a percepção do segmento respondente em relação ao tema da pergunta.

EXEMPLO: QUAL A SUA PERSPECTIVA QUANTO AO FATURAMENTO TOTAL NESTE TRIMESTRE EM COMPARAÇÃO AO TRIMESTRE ANTERIOR?

Diminuição (-): 7%; Estabilidade (=): 61%; Aumento (+): 32%.
Saldo de respostas = 25% (positivo)

Este número indica a intensidade da percepção dos respondentes em relação à variável pesquisada. Ou seja, há uma forte percepção de aumento do faturamento no trimestre atual. É importante, então, NÃO interpretar o saldo como aumento percentual das vendas.

Note, em seguida, como o saldo pode ajudá-lo a interpretar as expectativas dos respondentes. No Boletim de Desempenho Econômico do Turismo considera-se o seguinte:

- saldo acima de + 10% (inclusive) significa aumento da variável pesquisada;
- saldo situado entre - 9% (inclusive) e + 9% (inclusive) significa estabilidade da variável pesquisada.
- saldo inferior a - 10% (inclusive) significa queda da variável pesquisada.

Os símbolos (+), (=) e (-), que aparecem nas tabelas significam aumento/positivo, estabilidade/neutro e queda/negativo, respectivamente.

As respostas obtidas das empresas são ponderadas para refletir o peso de cada respondente no mercado do turismo em geral e de seu segmento em particular.

Apenas nas pesquisas de Eventos, Receptivo e Restaurantes, a partir da 7a. edição, foram realizados ajustes algébricos nos ponderadores da pesquisa a fim de se aprimorar a consistência das estimativas. Os efeitos dessa alteração dos ponderadores foram, em alguns casos, salientados na seção de apresentação das séries históricas da pesquisa.

O presente Boletim de Desempenho Econômico do Turismo reflete as respostas coletadas entre os dias 2 e 30 de julho de 2006.

Alguns números relativos à amostra deste levantamento (TODOS OS SEGMENTOS) são os seguintes:

Empresas respondentes: 762
Vendas no trimestre: R\$ 3,8 bilhões
Vendas no ano: R\$ 15,2 bilhões (estimativa)
Postos de trabalho em JUNHO/2006: 40.513
Unidades da federação representadas: 27

Apresentação

Esta é a décima primeira edição do Boletim de Desempenho Econômico do Turismo. Ultrapassado o primeiro semestre de 2006, este estudo realizado pelo Núcleo Turismo, da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas - Fundação Getúlio Vargas, traz a avaliação dos empresários do setor turístico sobre o que aconteceu nesse período e uma visão sobre o que se apresenta pela frente. Essa avaliação é acompanhada de uma análise do ambiente macroeconômico e seus impactos nos diversos segmentos pesquisados e na atividade turística como um todo.

Foram mais de 762 empresas respondentes nos oito segmentos pesquisados: agências de viagens, transporte aéreo, meios de hospedagem, parques temáticos e atrações turísticas, operadoras de receptivo, operadoras de turismo, organizadores de eventos e restaurantes. Proprietários, diretores e gerentes desses negócios turísticos forneceram os dados indispensáveis para confecção de um estudo atualizado e dinâmico sobre o turismo no Brasil.

Assim, os resultados aqui publicados refletem a opinião dos entrevistados no que diz respeito ao situação dos negócios que administram, seus investimentos, operação e postos de trabalho.

Previsão de Faturamento 2º sem 2006/2005

Segmento	Opinião (%)			Varição (%)
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo	Saldo
Agências	3	71	68	17,9
Eventos	15	59	44	10,5
Hotelaria	12	66	54	10,2
Operadoras	4	91	87	18,4
Parques Temáticos	0	83	83	6,6
Receptivo	34	61	27	-4,2
Restaurantes	7	65	58	8,6
Transporte Aéreo	2	98	96	--
CONSOLIDADO	9	76	67	12,7

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

Pela segunda vez, o Boletim apresenta uma análise consolidada do setor turístico, considerando de forma ponderada a opinião apurada em cada um dos segmentos ouvidos. É importante, pois, salientar que ao utilizar-se dessa análise o leitor considere, com especial atenção, os acontecimentos no setor aéreo no segundo trimestre de 2006. Todas as conclusões do estudo consideram o contexto dos segmentos e do turismo em geral e o leitor atento deve, também, fazer suas próprias considerações e compará-las, a todo momento de sua leitura, com aquelas apresentadas pela equipe que confecciona o Boletim.

Os números apresentados na última linha da tabela do consolidado refletem a consolidação dos segmentos pesquisados nesta décima primeira edição do Boletim. As colunas sob o título "Opinião" refletem como deverá se comportar o faturamento do 2º. Semestre do ano de 2006 em relação ao mesmo período de 2005. Na coluna "Variação", o número representa o percentual de variação do faturamento entre os períodos mencionados. Esse é um dos poucos casos em que o Boletim apresenta uma variação sobre valores e não sobre opiniões.

Desejamos que esta edição contribua para sua atividade profissional e seja útil para sua avaliação do ambiente econômico atual do turismo brasileiro.

Ambiente Macroeconômico

A economia brasileira vem apresentando expansão em 2006 graças, em grande parte, ao aquecimento do mercado interno, enquanto que, em 2004 e 2005, isto se deveu principalmente ao incremento das vendas externas.

Perduram, no princípio de julho, condições para a alavancagem do crescimento econômico, tais como balança comercial favorável, estabilidade de preços, risco-país baixo e superávit primário nas contas públicas.

Podem ser citados, igualmente, outros fatores de influência no desempenho da economia, como por exemplo, redução da taxa de juros, manutenção do patamar do câmbio e instabilidades constatadas no cenário internacional.

As expectativas são de manutenção do crescimento da economia mundial, mas um pouco inferior ao constatado em 2005. Se por um lado são fatores favoráveis a persistência da elevada expansão da economia chinesa e das importações norte-americanas, por outro, tal crescimento vem sendo refreado, principalmente, pela majoração dos preços do petróleo e de outras commodities, pelo maior grau de incerteza em relação à duração e à intensidade do ciclo de ajuste monetário nos EUA (com a elevação dos juros) e pela redução dos fluxos de capitais para os mercados emergentes (dentre eles, o brasileiro).

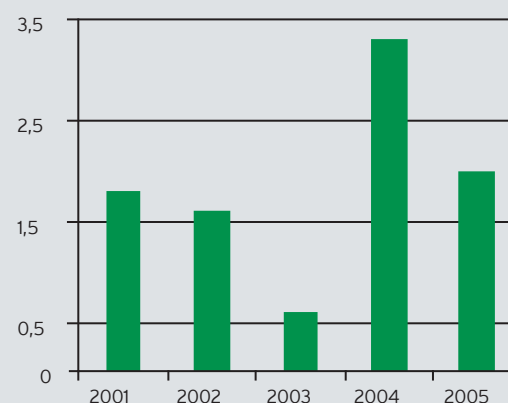
De acordo com a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), os países integrantes do G7 (EUA, Alemanha, Japão, Reino Unido, França, Itália e Canadá) mostram arrefecimento da expansão econômica. Segundo a OCDE, a economia brasileira vem perdendo fôlego desde fevereiro do corrente ano, caminhando em direção contrária à dos demais países componentes do BRIC (Rússia, Índia e China).

Crescimento do PIB

A evolução recente das taxas de variação real do Produto Interno Bruto - PIB do Brasil é a seguinte: 2001 (1,3%), 2002 (1,9%), 2003 (0,5%), 2004 (4,9%) e 2005 (2,3%).

Setorialmente, o desempenho da agropecuária, nesse período, foi o seguinte: em 2001, a taxa real de variação atingiu 5,8%; em 2002, 5,5%; em 2003, 4,5%; em 2004, 5,3%; e em 2005, 0,8%. Os dados referentes à indústria mostram declínio em 2001 (-0,5%) e crescimento nos anos posteriores: 2002 (2,6%), 2003 (0,1%), 2004 (6,2%) e 2005 (2,5%). No setor serviços, os incrementos foram: em 2001 (1,8%), 2002 (1,6%), 2003 (0,6%), 2004 (3,3%) e 2005 (2,0%).

Crescimento do PIB
Serviços (%)



Para 2006, as previsões para o crescimento do PIB variam de 3,5% a 3,7%, influenciadas, em grande parte, pela expectativa de aquecimento do mercado interno (ressalte-se, entretanto, a atenuação das previsões iniciais de majoração de até 4,0%).

De acordo com estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a safra brasileira de grãos deverá alcançar 118,1 milhões de toneladas em 2006 (4,9% a mais do que as 112,6 milhões colhidas em 2005). Segundo o Ministério da Agricultura, o acumulado das exportações do agronegócio, nos sete primeiros meses de 2006, alcançou US\$ 26,6 bilhões (+ 9,6% do que em igual período de 2005), o que representa um superávit de US\$ 23,03 bilhões, apesar da valorização do real e do declínio do agronegócio. No que diz respeito às importações, registrou-se, em janeiro-julho/2006, aumento de 23,3% em relação a idêntico período de 2005, com o valor das compras externas totalizando US\$ 3,56 bilhões.

No corrente ano, a produção industrial aumentou 1,0% no primeiro trimestre em relação aos últimos três meses de 2005; no segundo trimestre de 2006, o incremento foi de 0,5% em comparação aos três primeiros meses do ano em curso. Em janeiro-junho/2006, a produção expandiu 2,6% em relação à primeira metade de 2005. A produção do setor declinou 1,7% de maio para junho/2006. De acordo com os empresários, tal fato deveu-se, em grande parte, ao câmbio desfavorável (afetando negativamente diversos ramos, como calçados, madeiras e móveis), à Copa do Mundo de Futebol (paralisando parcialmente linhas de produção em dias de jogos do Brasil), à greve dos funcionários da Receita Federal (prejudicando a importação, especialmente de componentes para os ramos eletrônico e de equipamentos para comunicação), à greve na indústria automobilística e a problemas técnicos (paralisação em plataformas).

Dados da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio/SP) revelam que, no corrente ano, o segmento paulista vem registrando, de modo geral, estabilidade do faturamento em relação ao ano imediatamente anterior - a diferença é que, em 2005, o crédito estimulou as vendas e, em 2006, grande parte do aquecimento das vendas é atribuído ao aumento da renda das classes de menor poder aquisitivo (vale destacar que o salário mínimo aumentou de R\$ 300,00, em abril, para R\$ 350,00, no mês seguinte). As vendas do comércio varejista brasileiro cresceram 0,6% de abril para maio/2006, segundo dados dessazonalizados do IBGE, enquanto que no ano, até maio, a expansão atingiu 6,0% (comparativamente a janeiro-maio/2005) e, em doze meses, 5,4%.

O Índice de Confiança do Consumidor, medido pela Fundação Getulio Vargas, elevou-se em 0,9% entre junho e julho de 2006, passando de 101,0 para 101,9 (base: setembro/2005 = 100). Houve melhora tanto nas avaliações sobre a situação presente (de 101,2 para 102,7) quanto nas expectativas em relação aos próximos seis meses (de 100,9 para 101,6) - a Sondagem de Expectativas do Consumidor é realizada com base numa amostra de 2000 domicílios em sete das principais capitais brasileiras.

O índice (dessazonalizado) do nível de emprego formal no Brasil, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, apresenta crescimento gradual há vários meses. Os dados mais recentes revelam que, de abril/2006 para maio, o incremento foi de 0,29%, sendo criados 198.837 novos postos de trabalho. Por outro lado, a taxa de desemprego passou de 10,4%, em abril/2006, para 10,2% em maio; em janeiro-maio/2006, recuou 0,4% pontos percentuais em relação ao mesmo período de 2005, a despeito do aumento de 1,3% da População Economicamente Ativa (PEA). O rendimento médio real habitual das pessoas ocupadas alcançou R\$ 1.027,80 em maio/2006, com altas de 1,3% em comparação a abril/2006, e de 7,7% em relação a maio/2005.

A evolução de outros indicadores da economia brasileira, importantes para qualificar e quantificar o ambiente econômico em que a pesquisa foi realizada (início de julho/2006), é discriminada a seguir:

Inflação

Segundo a Fundação Getulio Vargas, a inflação medida pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), entre os dias 1º e 30 do mês de referência, evoluiu da seguinte forma no ano em curso: janeiro (+0,72%), fevereiro (-0,06%), março (-0,45%), abril (+0,02%), maio (+0,38%) e junho (+0,67%), acumulando 1,28% no primeiro semestre de 2006. Nos últimos 12 meses (até junho, inclusive), o IGP-DI acumulou alta de 0,98%. A aceleração da taxa em junho/2006 deveu-se principalmente ao comportamento dos preços no atacado (o índice do segmento, o IPA, avançou 1,06%, após registrar elevação de 0,46% em maio). O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou deflação de 0,40% em junho, ante um recuo de 0,19% em maio. O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) teve alta de 0,90%, contra um aumento de 1,32% em maio. Para o corrente ano, a expectativa é a de que o IGP-DI venha a atingir 3,58% e a de que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) alcance 3,74% (abaixo da meta de 4,5% estabelecida pelo Governo).

Taxa de Juros

Pela nona vez consecutiva, o Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu a taxa básica de juros da economia (Selic), fixando-a, em meados de julho/2006, em 14,75% (5 pontos percentuais a menos do que em agosto/2005). Segundo a ata do Copom, há espaço para juros reais menores no futuro mostrando, porém, que para que a trajetória de queda das taxas continue a ocorrer "é preciso que os indicadores prospectivos de inflação apresentem elementos compatíveis com o cenário benigno que se tem configurado nos últimos meses". Segundo o Ministério da Fazenda, existe a possibilidade de que a taxa real de juros atinja 5% a partir de 2007 (atualmente, a taxa de juro real é de 10,58%).

Taxa de Câmbio

Após oscilar bastante ao longo do segundo trimestre/2006, a taxa de câmbio (dólar comercial venda), ao término de junho, igualou a verificada ao final de março: R\$ 2,17/US\$.

O Risco-País também oscilou significativamente ao longo da primeira metade do corrente ano: em 1 de janeiro, era de 302 pontos centesimais; em 1 de fevereiro, 262 pontos; em 1 de março, 216 pontos; em 3 de abril, 236 pontos; em 1 de maio, 214 pontos; em 1 de junho, 266 pontos; e em 3 de julho, 247 pontos centesimais.

Balança Comercial

Apesar da valorização do real frente ao dólar, o superávit comercial registrou recorde histórico em janeiro-julho/2006: US\$ 25,17 bilhões (2,11% a mais do que o verificado em igual período de 2005: US\$ 24,65 bilhões). Tal fato é atribuído, principalmente, à alta dos preços de produtos vendidos pelo Brasil. Se, por um lado, nunca se auferiu tanto com as exportações (US\$ 74,522 bilhões), por outro, as importações também continuam apresentando desempenho robusto, batendo, igualmente, recorde (US\$ 49,352 bilhões nos sete primeiros meses de 2006). Conforme previsão do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as vendas externas brasileiras deverão alcançar, no ano em curso, US\$ 132 bilhões, e as importações, US\$ 90 bilhões, gerando o vultoso saldo de US\$ 42 bilhões e uma corrente de comércio exterior (exportações mais compras externas) de US\$ 222 bilhões.

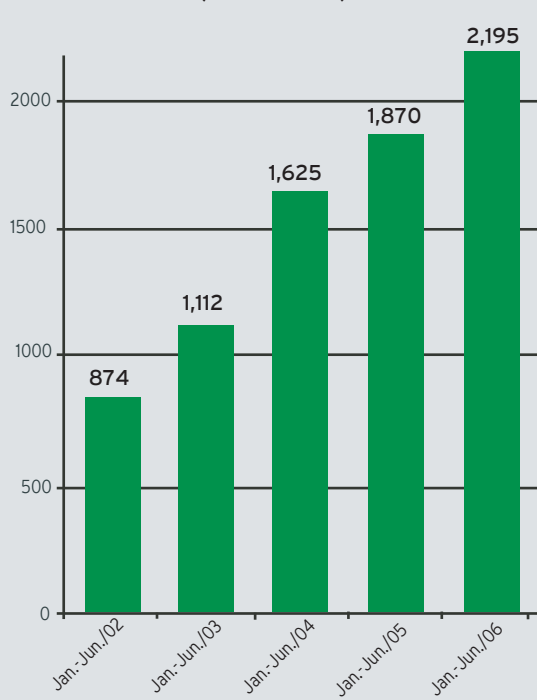
Petróleo

A majoração dos preços do petróleo constitui-se em fonte de preocupação internacional. Num mercado onde os preços são voláteis, a cotação do barril do tipo Brent (negociado em Londres), no corrente ano, após atingir um mínimo de US\$ 58,15, em 15 de fevereiro, chegou a um máximo de US\$ 78,18, em 17 de julho. Após a média anual da cotação do barril do tipo Brent ter alcançado US\$ 24,4 em 2001, registrou-se trajetória de alta nos anos seguintes: US\$ 25 em 2002, US\$ 28,9 em 2003, US\$ 38,3 em 2004, US\$ 54,5 em 2005 e US\$ 67,4 em 2006.

Em Nova York, o barril do óleo leve americano atingiu um máximo no dia 14 de julho (US\$ 78,40). O caos provocado pelo conflito no Iraque e o temor de que o Irã, quarto maior exportador mundial de petróleo, interrompesse seu fornecimento (em virtude da crise provocada pela intenção de o país levar adiante seu programa nuclear, enriquecendo o urânio), aqueceram as compras do produto, elevando os preços a patamares muito altos. Cabe destacar que o querosene de aviação subiu 24,23%, desde o início do corrente ano, encarecendo as passagens aéreas.

Análise Econômica do Turismo

Entrada de Dólares
Janeiro a Junho (2002-2006) em milhões



Segundo o Banco Central, de janeiro a junho do corrente ano, a receita obtida com a vinda de turistas estrangeiros alcançou US\$ 2,195 bilhões (17,51% a mais do que em igual período de 2005). A soma para estes primeiros seis meses do ano confirma o novo patamar alcançado pelo turismo internacional no País: é maior do que o total anual de qualquer ano até 2002, quando a receita somou US\$ 1,998 bilhão, e já se aproxima do total de 2003, quando chegou a US\$ 2,479 bilhões.

Nos últimos 12 meses (até junho, inclusive), as receitas somaram US\$ 4,188 bilhões, e a previsão é a de que totalizem US\$ 4,5 bilhões em 2006. No mês de junho, isoladamente, os ganhos foram de US\$ 295 milhões, número 7,42% superior ao do mesmo mês de 2005, que era, até então, o melhor mês de junho da série histórica do balanço turístico internacional.

Quanto ao número de desembarques de vôos internacionais, verificou-se aumento de 1,6% em relação ao primeiro semestre de 2005.

Por outro lado, os gastos de turistas brasileiros no exterior alcançaram, em junho/2006, US\$ 491 milhões, gerando um déficit de US\$ 196 milhões no mês. No ano, a despesa total alcança US\$ 2,664 bilhões (alta de 27,61% em relação ao primeiro semestre de 2005), acumulando um déficit de US\$ 469 milhões (ante US\$ 220 milhões em 2005, correspondendo a uma alta de

113,18%). A cotação do dólar em patamares reduzidos (em 2006, já caiu cerca de 6% frente ao real), estimulando a ida de brasileiros ao exterior, podem ser apontadas como os principais fatores que determinaram este resultado (além da perda de assentos em viagens internacionais, resultante do cancelamento de vôos da Varig).

No que concerne aos vôos domésticos, o total de passageiros desembarcados em junho apresentou crescimento de 15,75% em relação ao mesmo período de 2005. Foram cerca de 3,86 milhões de desembarques contra, aproximadamente, 3,33 milhões registrados em junho de 2005, resultando em uma movimentação recorde de 22,87 milhões de passageiros no semestre. O acumulado do primeiro semestre de 2006 aumentou 14,92% em comparação a janeiro-junho/2005, mostrando que as metas estabelecidas pelo Governo para o setor estão sendo cumpridas paulatinamente, vislumbrando-se que sejam estabelecidos novos recordes em 2006.

Relatório Consolidado

Comparação entre os 2^{os} Trimestres de 2006 e 2005

O faturamento do setor de turismo pesquisado (762 empresas) em abr.-jun./2006, cresceu para 70% do mercado pesquisado (comparativamente a idênticos meses de 2005), manteve-se inalterado para 12% e diminuiu para 18% - o saldo de respostas (correspondente à diferença entre as assinalações de aumento e as de queda) atingiu 52%, com uma variação média do faturamento de 5,8%. Os mais elevados saldos foram registrados nos ramos transporte aéreo (96%), fortemente influenciado pela recente turbulência do mercado de transporte aéreo, agências de viagens (57%, com variação média de 13,4%) e eventos (40%, com variação média de 12,9%), enquanto que o mais baixo foi detectado no segmento parques temáticos e atrações turísticas (-26%, com variação média de -0,8%). Vale destacar que, em jan.-mar./2006 (em confronto com out.-dez./2005), o saldo das assinalações quanto ao faturamento havia alcançado 37%, com variação média de 10,8%.

No que tange ao quadro de pessoal, comparados esses dois períodos, constatou-se que 58% do mercado de turismo brasileiro indicaram expansão do número de funcionários, enquanto que redução foi observada por 18% do mercado, o que conduz a um saldo das respostas de 40%. Os setores transporte aéreo e operadoras de turismo foram os que apresentaram mais elevados saldos de contratações (96% e 36%, respectivamente), ao passo que o menor saldo foi observado no segmento de turismo receptivo (-18%). É importante ressaltar que, em jan.-mar./2006, o saldo das respostas concernentes ao total de funcionários somou 24%.

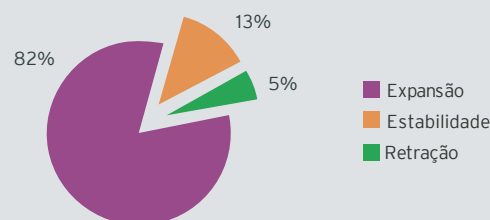
Comparação entre o 2^o Trimestre de 2006 e o 1^o Trimestre de 2006

De acordo com o mercado de turismo pesquisado consultado, predominaram, em abr.-jun./2006, as indicações de expansão do quadro de pessoal: 59% de assinalações de incremento, 23% de estabilidade e 18% de declínio - o saldo das respostas foi, portanto, de 41%. Dentre os mais elevados saldos destacam-se os relativos ao transporte aéreo (97%) e às operadoras de turismo (56%), enquanto que o segmento turismo receptivo apresentou o menor saldo (-44%). Cabe mencionar que, em jan.-mar./2006, o saldo das assinalações referentes ao quadro de pessoal atingiu 16%.

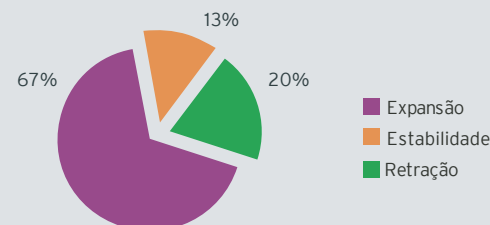
Situação em Julho/2006

Para 82% do mercado de turismo, os negócios encontram-se, atualmente, em expansão, estáveis para 13% e em retração para 5%, representando um saldo de 77%, mais favorável do que o percebido no início de abril/2006 (saldo de 47%). Situação mais favorável dos negócios foi apontada pelo segmento transporte aéreo (saldo das respostas de 99%), operadoras de turismo (89%) e parques temáticos e atrações turísticas (87%); menos favorável, porém positivo, pelo ramo turismo aéreo (saldo de 13%).

Situação dos Negócios
Julho/2006 (%)



Situação dos Negócios
Abril/2006 (%)

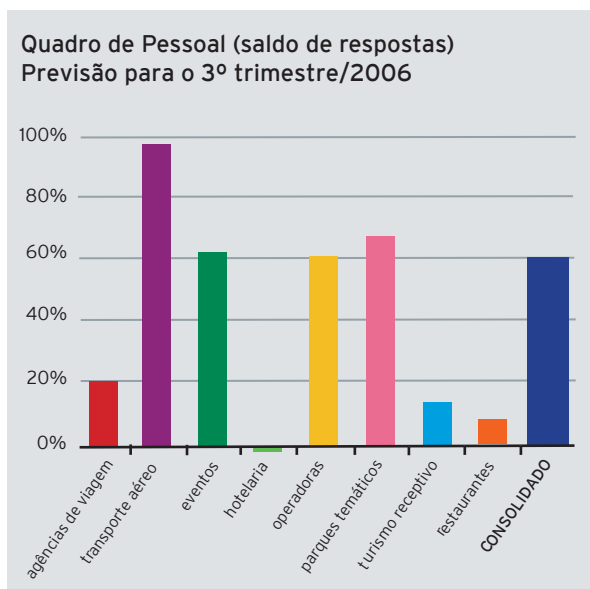


No princípio de julho, há, para 75% do mercado de turismo consultado, orçamento definido para investimento no negócio em jul.-set./2006 (mobiliário, tecnologia da informação, equipamentos, treinamento

etc.). Neste caso, o valor dos recursos a serem alocados representam 6,4% do faturamento global. As mais elevadas assinalações de intenção de investimentos referem-se aos ramos transporte aéreo (92%) e parques temáticos e atrações turísticas (80% do mercado, com variação média de 3,0%), enquanto a mais baixa foi indicada por turismo receptivo (42%, com variação média de 1,8%).

Previsão para o 3º Trimestre de 2006 em relação ao 2º Trimestre de 2006

As empresas do setor de turismo, como um todo, vislumbram ampliação do quadro de pessoal em jul.-set./2006, em relação ao segundo trimestre do ano em curso (saldo de 60%). Os mais elevados saldos referentes à previsão foram constatados nos segmentos transporte aéreo (97%), parques temáticos e atrações turísticas (67%) e meios de hospedagem (59%). Prognósticos de estabilidade são esperados, de modo geral, por empresários dos ramos restaurantes e eventos (saldos de 9% e -1%, respectivamente).

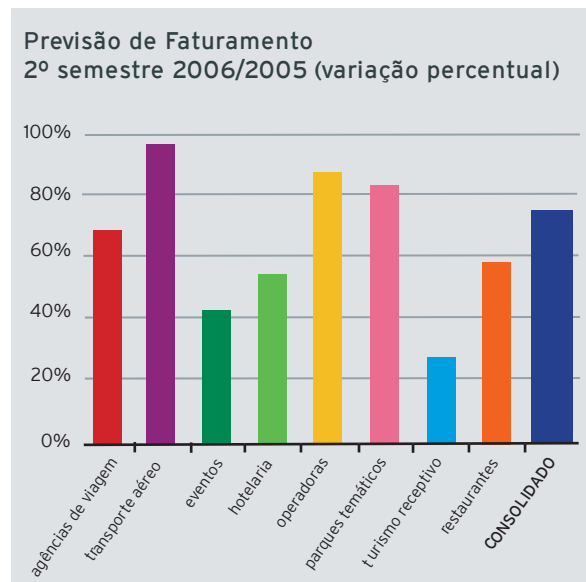


No que concerne aos custos operacionais, todos os segmentos antevêm majoração em jul.-set./2006, correspondendo os mais elevados saldos de previsão às agências de viagens (81%) e operadoras de turismo (73%). Cabe ressaltar que o menor saldo refere-se aos prognósticos feitos por empresários do ramo meios de hospedagem (20%).

Previsão para o 2º Semestre de 2006 em relação ao 2º Semestre de 2005

Todos os segmentos turísticos esperam, de modo geral, aumentar o faturamento no primeiro semestre do corrente ano, comparativamente a igual período de

2005: 81% de assinalações de aumento contra 6% de redução (saldo das respostas de 75%). Caso tal fato venha a se confirmar, a variação média do faturamento será de 8,3%. Empresários dos segmentos transporte aéreo (saldo de 96%), operadoras de turismo (saldo de 87%, com variação média de 18,4%) e parques temáticos e atrações turísticas (saldo de 83%, com variação média de 6,6%) são os mais otimistas, enquanto que os de turismo receptivo são os menos otimistas (saldo de 27%, com variação média de -4,2%).



No que concerne ao quadro de pessoal, as perspectivas de incremento também são amplas: 56% do mercado de turismo brasileiro pesquisado prevê ampliação no segundo semestre do ano em curso (contra iguais meses de 2005) e 11%, diminuição (saldo das respostas de 45%). Os saldos mais elevados de intenções de contratação são detectados nas empresas de transporte aéreo (97%) e nas de parques temáticos e atrações turísticas (78%), enquanto o mais baixo saldo (-16%, que corresponde à expectativa de redução do total de funcionários) é verificado no ramo turismo receptivo.

TABELAS - CONSOLIDADO

Faturamento 2o. trimestre 2006/2005

Segmento	Opinião (%)			Variação (%)		
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)
Agências	16%	73%	57%	21,7%	23,1%	13,4%
Transporte Aéreo	2%	98%	96%	0,0%	0,0%	0,0%
Eventos	15%	55%	40%	40,1%	34,4%	12,9%
Hotelaria	28%	50%	22%	17,8%	18,2%	4,1%
Operadoras	37%	63%	26%	15,0%	26,7%	11,3%
Parques Temáticos	63%	37%	-26%	9,9%	14,7%	-0,8%
Receptivo	34%	42%	8%	48,0%	21,8%	-7,2%
Restaurantes	30%	38%	8%	15,9%	13,4%	0,3%
CONSOLIDADO atual	18%	70%	52%	10,9%	11,1%	5,8%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

A variação de transporte aéreo não foi calculada em virtude da não resposta da Varig

Previsão de Faturamento 2º sem 2006/2005

Segmento	Opinião (%)			Variação (%)		
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)
Agências	3%	71%	68%	9,3%	25,6%	17,9%
Transporte Aéreo	2%	98%	96%	--		0,0%
Eventos	15%	59%	44%	35,7%	26,8%	10,5%
Hotelaria	12%	66%	54%	12,9%	17,8%	10,2%
Operadoras	4%	91%	87%	20,0%	21,1%	18,4%
Parques Temáticos	0%	83%	83%	0,0%	8,0%	6,6%
Receptivo	34%	61%	27%	46,7%	19,2%	-4,2%
Restaurantes	7%	65%	58%	6,9%	13,9%	8,6%
CONSOLIDADO atual	0%	0%	0%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

Quadro de Pessoal 2º tri 2006/2005

Segmento	Opinião (%)		
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)
Agências	35%	41%	6%
Transporte Aéreo	2%	98%	96%
Eventos	20%	45%	25%
Hotelaria	26%	27%	1%
Operadoras	26%	62%	36%
Parques Temáticos	17%	7%	-10%
Receptivo	29%	11%	-18%
Restaurantes	32%	25%	-7%
CONSOLIDADO atual	18%	58%	40%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

Previsão de Quadro de Pessoal 2º sem 2006/2005

Segmento	Opinião (%)		
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)
Agências	35%	30%	-5%
Transporte Aéreo	1%	98%	97%
Eventos	14%	36%	22%
Hotelaria	12%	22%	10%
Operadoras	6%	59%	53%
Parques Temáticos	0%	78%	78%
Receptivo	34%	18%	-16%
Restaurantes	21%	17%	-4%
CONSOLIDADO atual	11%	56%	45%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

Comparação entre trimestres

Segmento	Quadro de Pessoal		
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)
Agências	32%	11%	-21%
Transporte Aéreo	1%	98%	97%
Eventos	15%	42%	27%
Hotelaria	25%	48%	23%
Operadoras	20%	76%	56%
Parques Temáticos	20%	7%	-13%
Receptivo	44%	0%	-44%
Restaurantes	37%	20%	-17%
CONSOLIDADO atual	18%	59%	41%

Previsão para o próximo trimestre

Segmento	Quadro de Pessoal		
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)
Agências	6%	27%	21%
Transporte Aéreo	1%	98%	97%
Eventos	16%	15%	-1%
Hotelaria	5%	64%	59%
Operadoras	5%	53%	48%
Parques Temáticos	0%	67%	67%
Receptivo	21%	35%	14%
Restaurantes	14%	23%	9%
CONSOLIDADO atual	5%	65%	60%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

Segmento	Custos Operacionais		
	Dim. (-)	Aum. (+)	Saldo (%)
Agências	0%	81%	81%
Transporte Aéreo	0%	68%	68%
Eventos	6%	74%	68%
Hotelaria	20%	40%	20%
Operadoras	0%	73%	73%
Parques Temáticos	20%	47%	27%
Receptivo	15%	71%	56%
Restaurantes	6%	65%	59%
CONSOLIDADO atual	6%	62%	56%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

Investimentos próximo trimestre 2006

Segmento	Opinião (%)			Varição
	Sim	Não	(%) do faturamento	Saldo (%)
Agências	70%	30%	7,5%	5,3%
Transporte Aéreo	92%	8%	-	
Eventos	57%	43%	15,1%	8,6%
Hotelaria	64%	36%	13,0%	8,3%
Operadoras	76%	24%	4,5%	3,4%
Parques Temáticos	80%	20%	3,8%	3,0%
Receptivo	42%	58%	4,3%	1,8%
Restaurantes	56%	44%	12,3%	6,9%
CONSOLIDADO atual	75%	25%	6,4%	4,8%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

Situação dos Negócios

Segmento	Opinião (%)			Varição
	Expansão	Estáveis	Retração	Saldo (%)
Agências	75%	15%	10%	65%
Transporte Aéreo	99%	1%	0%	99%
Eventos	73%	23%	4%	69%
Hotelaria	76%	19%	5%	71%
Operadoras	89%	11%	0%	89%
Parques Temáticos	87%	13%	0%	87%
Receptivo	46%	21%	33%	13%
Restaurantes	57%	31%	12%	45%
CONSOLIDADO atual	0%	0%	0%	0%

Fonte: EBAPE-FGV/EMBRATUR

O Boletim de Desempenho Econômico do Turismo é realizado pelo Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria - NEATH/ EBAPE-FGV composto pelos seguintes técnicos: Bianor Scelza Cavalcanti (Diretor EBAPE), Luiz Gustavo M. Barbosa e Deborah M. Zouain (Coordenadores NEATH), Saulo Barroso Rocha, Adonai Teles, Cristiane Rezende, Cristina Marins, Erick Lacerda, Leonardo Siqueira, Marcela Cohen, Paola Lohmann e Paulo C. Stilpen. Equipe EMBRATUR: José Francisco de Salles Lopes (Diretor de Estudos e Pesquisas); Neiva Duarte (Coordenadora de Estudos e Pesquisas); Ana Luisa Barbosa (diagramadora).